



Liturgia, educação e resistência cultural

Liturgy, Education and Cultural Resistance

Sergio Alberto Feldman*

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) | Vitória, Brasil

serfeldpr@yahoo.com.br

Resumo: A intenção deste artigo é compreender os mecanismos de resistência cultural da minoria judaica através dos séculos. O foco são os usos de rituais no cotidiano religioso e dos preceitos normativos denominados *mitzvot*. Estas últimas são ordenações religiosas descritas no Pentateuco que regem múltiplos detalhes da vida religiosa, desde sacrifícios no templo de Jerusalém até relações sociais, conjugais, entre outras. A análise pretende demonstrar que se trata de uma complexa teia de controle comportamental, que cria uma “cerca” que protege a minoria, impedindo sua absorção pela sociedade majoritariamente não judaica. O recorte é de longa duração, fazendo uso da História Cultural e focando no Ocidente medieval.

Palavras-chave: Judaísmo. Cotidiano. Liturgia.

Abstract: The intention of this article understands the cultural resistance tools enabled by the Jewish minority throughout the centuries. The focus is on the religious daily life and, within it, the use of rituals and the normative precepts named *mitzvot*. The latter are religious commandments described in the Pentateuch ruling multiple details of religious life, from sacrifices in the Jerusalem Temple to social, conjugal, and other kinds of relationships. The analysis aims at presenting a complex web of behavioral control, which creates a minority-protecting “fence” that prevents the absorption by society and its non-Jewish majority. The analysis covers an extended time span in medieval Western Europe, using the Cultural History framework.

Keywords: Judaism. Daily Life. Liturgy.

Há alguns mitos em relação ao povo judeu. Os mitos se dividem em positivos e negativos. Por um lado, há ódio e rancor: acusa-se os judeus de deicídio, crime ritual, de profanação das hóstias. Esse último tema foi abordado por diversos autores.¹ O preconceito antijudaico é milenar e varia de formatação: era religioso no período tardo antigo e no medieval, se transformou em racista nos

* Professor na Universidade Federal do Espírito Santo e Doutor em História Medieval pela Universidade Federal do Paraná.

¹ FELDMAN, 2013.



últimos séculos e, nas últimas décadas, se metamorfoseou em antissionismo. Múltiplas facetas de um preconceito milenar.

No outro lado do espectro, há uma apologia dos judeus e do judaísmo. São mitos de cunho positivo e que exaltam o denominado “povo eleito”. A maioria deles tem relação, maior ou menor, com a resistência histórica do povo judeu, de sua religião e de sua identidade desde o mundo antigo, através dos séculos. Uma elevada dose de mística se imbrica nesse mito: o povo eleito apesar das dificuldades e das perseguições sucessivas não desapareceu e resiste na sua missão redentora.

Pode-se perceber que, nessa apologia, entra um desejo latente e de longa duração de conversão dos judeus. Na escatologia cristã, haveria a necessidade de se converter pelo menos uma parcela dos judeus ao cristianismo no limiar do juízo final.²

Consideramos que as perseguições tenham ocorrido, foram inúmeras, muitas vezes de caráter violento, com massacres, conversões forçadas e múltiplas formas de desrespeito pela minoria. Sobreviver apesar de tudo isso é, no mínimo, algo notável. Mas nos colocamos distantes das teses místicas que, a nosso ver, não têm fundamento e exaltam o caráter quase mágico da sobrevivência judaica, por sua missão espiritual. Ao contrário, entendemos que o ódio aos judeus gerou um mecanismo de autopreservação.

A minoria acuada e pressionada se defendia por intermédio da crença de sua missão e de sua escolha pelo Deus universal que lhe atribuía uma função na escatologia. Uma identidade da minoria que foi forjada sob o estigma e a exclusão da maioria que hostilizava os judeus, o judaísmo e o conjunto de sua crença.

Essa crença foi um marco identitário forte e que permitiu a resistência e a sobrevivência da minoria judaica. Nossa análise não avaliará a verdade da crença, mas o efeito desta e os mecanismos educacionais de sua permanência, através e apesar da história. Não analisaremos o conflito entre “estabelecidos e *outsiders*”, mas a construção da identidade dos excluídos sob a pressão da maioria dominante.

Trata-se de uma minoria que se espalhou em espaços dominados por elementos hostis, ora sociedades cristãs, ora sociedades muçulmanas, sejam reinos, sejam impérios. Na melhor das situações, os judeus eram tolerados e viviam sob certo isolamento, restrições diversas e muitas vezes, marcados e discriminados. Como explicar a sobrevivência histórica e a resistência cultural?

² FELDMAN, 2017.



A tarefa é árdua e um artigo não basta para refletir sobre um enigma tão complexo. Propomo-nos a demarcar alguns focos para a reflexão e direcionar nosso olhar para a educação e a cultura como marcos identitários que possam enriquecer a análise, mas em hipótese nenhuma esgotá-la. A nossa intenção é analisar a resistência judaica e sua continuidade a partir de uma análise de história cultural, percebendo as representações que os judeus construíram de si mesmos, de sua religião, de seu pacto com Deus e de sua resistência histórica.

O recorte historiográfico é de longa duração, abarcando cerca de um milênio, começando no período da edição da Lei oral (Talmude) entre o século segundo e o quinto da Era Comum. A fonte documental principal é o livro de orações, que tendo sido iniciado há alguns séculos, antes do recorte proposto, se define e se consolida, no período analisado, sofrendo algumas adições posteriores, que não mudam em essência. O espaço é ainda mais amplo: a diáspora judaica. O foco central são os livros de orações medievais que seguiram resistindo, pouco alterados, até a contemporaneidade. Lado a lado com as orações, os 613 preceitos (denominados *mitzvot*) com suas derivações e aplicações contidas na Lei Oral, ou Talmude, que regem o cotidiano judaico há quase dois milênios.

1 Reflexões

Há necessidade de refletir sobre um fato real. Um povo surgiu no mundo antigo e, sob o manto de uma cultura específica e de uma religiosidade bastante diversificada, se manteve através de séculos e chegou até os nossos tempos. Por intermédio de uma linha analítica, se afirma que, apesar da diferença, a etnia sobreviveu. Em outro foco, pode-se dizer que devido à diferença, o grupo adquiriu uma identidade coletiva forte e resistiu à assimilação no bojo das maiorias circundantes.

As diversas tentativas de explicação são geralmente insuficientes e parciais para responder a este enigma. Para Sartre, seria efeito da pressão externa, da discriminação e da estigmatização que a maioria externa (não judaica) promoveu contra a minoria judaica. Para Marx, seria uma expressão efetiva da função socioeconômica que os judeus exerceram no pré-capitalismo.

Há também perspectivas místicas de análise que alocam aos judeus uma escolha divina e uma função definida pela revelação e que se realizaria por intermédio de uma escatologia, no final dos tempos. Os judeus são vitais no pretense plano divino: a vinda do Messias (para os judeus ainda não veio, mas virá) ou a segunda vinda de Jesus (o Cristo ou o Messias na tradição cristã). Ainda que existam posições diferentes, os judeus são necessários para a teleologia judaica e/ou cristã.



O interessante é que mesmo negando que os judeus tenham perdido a condição de detentores do pacto e da eleição, a patrística e em particular Agostinho de Hipona (final do século IV e início do V depois da E.C.) colocam os judeus na condição de receptores da lei, de eleitos, mesmo se não tenham aceitado o “Messias verdadeiro” do cristianismo, mas que deles, ao menos em maneira parcial, dependa a segunda vinda de Jesus. Ao final dos tempos, pelo menos, uma parcela dos judeus se converterá e aceitará o “verdadeiro Cristo”.

Assim sendo, os judeus são inseridos seja de parte dos pensadores judeus, seja dos pensadores cristãos, como fundamentais na escatologia, no Juízo Final. Ainda que esta posição não seja racional e sim mística, gera representações de diversas formas. Internas no âmbito da continuidade da resistência do grupo; externas no sentido da pressão do meio majoritário para converter os judeus, como condição *sine qua non* da teleologia.

Consideramos estas posições limitadas, não refletidas e dependendo de concepções místicas que não oferecem uma reflexão mais racional e histórica. Pretendemos abordar de outra maneira, fazendo uso de uma perspectiva de identidade, resistência cultural e coesão da minoria para resistir às pressões de um meio hostil. Ainda assim consideraremos as representações criadas para os judeus e o judaísmo, e especialmente a auto imagem que estes fazem de sua missão histórica sagrada.

Nossa proposta é analisar estas questões pelo olhar da educação, da liturgia religiosa e da cultura. Os judeus são um povo que há muitos séculos investiram na educação e a consideraram como o elo vital da continuidade. Pretendemos articular um olhar de longa duração, pelo foco da educação, a partir dos rituais do cotidiano judaico e em específico analisando as orações da liturgia judaica.

2 Diálogos com Deus

Há amplas tradições em todas as religiões sobre o diálogo dos seres humanos com divindades, ou com a divindade (no caso do monoteísmo). Os sábios judeus apontam para o fato de que há duas direções: de cima para baixo, seria Deus falando com os fiéis por intermédio de seres iluminados, tais como os profetas e Moisés; de baixo para cima, que seriam os rituais de sacrifícios do mundo antigo e ainda habituais em algumas religiões e as orações comuns às religiões monoteístas.

O judaísmo construiu duas formas de diálogo do fiel com Deus: os rituais de sacrifícios vigentes no texto da Bíblia hebraica (*Torá/Tanach*)³ e as orações. Estas

³ *Torá* ou Pentateuco seriam os cinco livros iniciais da Bíblia hebraica: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números, Deuteronômio. Considerados como revelação divina e tendo sido entregues a Moisés seria a Lei. O judaísmo retira dele 613 preceitos



foram, gradualmente, sendo construídas a partir da destruição do primeiro templo (c. 586 a. E.C.), no exílio da Babilônia (c. 586 a. E.C. até 536 antes da E.C.), e através do período do segundo templo (destruído no ano 70 depois da E.C.).

No mesmo período, conviviam lado a lado os sacrifícios (exclusivamente no templo de Jerusalém) e as orações nas sinagogas. Com isso, depois do ano 70 depois da E.C. após a destruição do santuário, não foi difícil completar a ordenação do “livro de rezas” (denominado *sidur*) e utilizar essas mesmas orações como uma forma de diálogo dos fiéis com Deus e como um mecanismo de resistência.

Inicialmente memorizado e oral, vai gradualmente sendo ordenado e redigido, mas até a contemporaneidade existem comunidades que transmitem as orações de maneira oral e decorando-as, já que a parte central delas é pronunciada diariamente. Há ligeiras variações nas ordenações de cada comunidade, mas pode-se dizer que, em essência, são versões assemelhadas.

As mais conhecidas versões seriam três: a dos judeus de origem germânica e europeu oriental (*Ashkenaz*);⁴ a dos judeus de origem ibérica e mediterrânea (*Sefarad*);⁵ uma ampla variedade de versões de livro de orações entre os judeus orientais: iraquianos, iemenitas, iranianos, e demais. Em todas prevalece a grande oração (ou *Amida*)⁶ como núcleo da reza.

Abrahams compreende que as orações são uma mescla ampla de tradições antigas e por vezes, superstições mescladas com uma teologia refinada do rabinismo tardio. Trechos das Escrituras mesclados com poesia medieval que

(*mitzvá*=singular/ *mitzvot*: plural): 365 proibições e 248 ordenações. O conjunto é denominado Lei de Moisés. Já *Tanach* é a Bíblia hebraica completa com a Lei (*Torá*) + Profetas e Escritos.

⁴ *Ashkenaz* seria Germânia ou Alemanha medieval (incluído o norte da França). Com as imigrações para o leste europeu dos judeus expulsos do Ocidente medieval, serão os judeus da Polônia, Rússia e Romênia. Falavam um dialeto judaico alemão, o *idish*. Rezavam em hebraico e falavam *idish* no cotidiano.

⁵ *Sefarad* é uma expressão que aparece num texto profético de nome Obadias. Refere-se a Península Ibérica. Com as conversões forçadas e a expulsão dos reinos ibéricos (Castela e Aragão – 1492 e Portugal – 1496) migram para o Império Otomano, Itália e oriente em geral. Falam um dialeto judaico castelhano denominado *ladino* e rezam em hebraico.

⁶ Conjunto de cerca de dezoito bênçãos centrais em todas as orações. Adiante voltamos a esclarecer com mais detalhes.



são de contextos muito distantes entre si. A teologia rabínica é um “sincretismo, não um sistema”.⁷

3 A importância das orações

O livro de orações judaico é conhecido pelo nome de *Sidur*, que deriva de ordem (*seder*), pois tem uma ordem nas orações. Inicialmente criado numa versão oral, no período do exílio da Babilônia (586-536 antes da E.C.), em que a memória do grupo prevalecia, foi mais tarde escrito e ordenado. Há uma longa coletânea que vai inserindo através dos tempos, trechos e grupos de orações e, portanto uma complexa dinâmica que tentaremos tornar mais clara e compreensível. O livro de orações judaico é obra coletiva de muitas gerações e possui camadas de textos mescladas. Ele tem algumas variantes. Orações de dias comuns, do *Shabat*, e de dias de festas. As orações nos três grupos citados acima são executadas três vezes ao dia: de manhã (*shacharit*), de tarde (*minchá*) e de noite (*maariv*). A tradição conecta cada uma delas a um dos patriarcas: a reza da manhã a Abraão, a da tarde a Isaac, e a da noite a Jacob. No *Shabat* ou sábado judaico e também no dias de festa é semelhante, mas com algumas variantes. Agregam-se complementos especialmente à reza matinal, que se denomina *mussaf*.

Em todos os conjuntos temos algumas formatações: simples bênçãos, algumas bênçãos bem largas, rezas embasadas em textos bíblicos com ou sem bênçãos; trechos de Salmos; poesia religiosa (em hebraico, denominada *piyut*).

Todos os momentos de oração (matinal, vespertino ou noturno) têm um eixo central (denominado *matbea shel tefilá*). Uma espécie de núcleo da oração que se repete, mesmo com pequenas alterações em todas as orações, seja em dias úteis, seja no *Shabat*, seja nas festas. Neste núcleo é que centraremos nossa análise.

Aparentemente é um conjunto de orações criado no cativeiro da Babilônia (século VI antes da E.C.) denominado como grande Oração ou *Amidá* e é composta originalmente por dezoito bênçãos, que acabaram gerando um novo nome *Shmone Esre* (em hebraico significa dezoito).⁸ Esse conjunto se torna obrigatório em todas as orações coletivas, três vezes ao dia e demandando um quórum de dez pessoas adultas e do sexo masculino (denominado em hebraico

⁷ ABRAHAMAS, 1908, p. 273. “*Rabbinic theology is a syncretism, not a system*”.

⁸ Há uma décima nona bênção que é efetivamente uma maldição aos *minim* ou hereges, e que se acredita ser direcionada aos “judeus cristãos”, no século I depois da E.C. Alterada, segue no conjunto das bênçãos da *Amidá*, que mesmo ainda sendo chamada de *Shmone Esre*, tem desde então dezenove bênçãos. Usaremos *Amidá*.



minian). Isso pelo menos a partir do início do período do segundo templo (536 antes da E.C. – 70 depois da E.C.).

A quantidade de bênçãos se altera sendo dezenove nos dias comuns. São sete nos sábados e festas em geral sendo nove no *mussaf* (oração adicional) de *Rosh Hashaná* o ano novo judaico.⁹ Destacadas estas diferenças, vale frisar que este núcleo das orações cria certa dose de homogeneidade na diversidade judaica na ampla diáspora.

Todas as vertentes judaicas desde o mundo antigo até a contemporaneidade têm seus livros de oração, este núcleo de rezas e a *Amidá* é central nas orações diárias em todos os dias do ano. Ou seja, numa dispersão imensa dos judeus, em espaços diferentes e no seio de sociedades diferentes, esta seria uma marca comum. Todos os judeus do mundo medieval e moderno rezariam. E todos eles se identificariam pelos valores e símbolos que emanam das rezas.

Não há dúvida que lado a lado com as orações temos a Lei na versão escrita (*Torá* ou *Tanach*) e a Lei Oral (*Mishná* e *Guemará* = *Talmude*). Por intermédio destas, o judaísmo normativo estabelece outra forma de controle e de fortalecimento da identidade. Seriam, portanto, duas maneiras de preservação identitária no cotidiano: um imenso rol de preceitos ou normas (*mitzvot*) e complementando-o, um ciclo litúrgico de orações e celebrações.

Qual o significado disto e quais os efeitos a média e longa duração? Orações coletivas podem servir como espaço identitário e fornecer nas entrelinhas dos textos, conteúdos que gerem a definição do grupo, explicitem valores e definam um caminho de vida. As rezas seriam uma forma de educar: sendo repetidas três vezes por dia, entoadas ora de maneira mecânica, mas sempre ressoando na mente dos ouvintes, ora de maneira analítica e explicitada pelos líderes religiosos que realizam a exegese dos textos sagrados.

Assim a oração constrói identidades e define quem sou eu e quem somos nós. O cotidiano de média e longa duração fortalece a noção do ser e do existir. Através de algumas escolhas, pretendemos fazer a análise de temas presentes e recorrentes que enfatizam certos valores.

4 Preceitos ou *Mitzvot*

Um dos assuntos mais repetidos nas orações é a temática dos preceitos ou *mitzvot*. Em praticamente todas as bênçãos aparece a expressão *kidshanu be mitzvotav* (que nos abençoastes/santificastes com seus preceitos). Aqui se está legitimando na prática a execução dos múltiplos preceitos das escrituras judaicas.

⁹ KIMELMAN, 1988/1989, p. 166.



No Pentateuco ou *Torá* existem 613 preceitos, denominados em hebraico *mitzvot*: 365 proibições e 243 ordenações. Eles compõem um amplo conjunto de mandamentos. Alguns se tornaram anacrônicos, pois se destinam ao templo de Jerusalém e não são mais executados desde o ano 70 depois da E.C. Já outros serviram de base e derivação para uma enorme gama de atividades cotidianas e/ou de momentos especiais. A prática dos preceitos está amplamente analisada e comentada pelos sábios. Inicialmente deve ter como ponto de partida um embasamento jurídico nas Escrituras, ou seja, no Pentateuco/*Torá*. A partir de uma afirmação atribuída a Deus e que está no amplo código mosaico, pode-se estabelecer múltiplas exegeses que são ordenadas na lei oral.

A lei oral seria uma espécie de lei derivada daquela que se apresenta tal como uma “constituição”, a *Torá*. Os sábios criaram em muitas gerações múltiplas exegeses. Começou a se ordenar esta imensa coletânea pelas mãos do sábio rabino Iehudá Hanassi, em Israel, no século II. Esta primeira etapa se denominou *Mishná*.

Na sequência, são criadas duas novas coletâneas de uma amplitude imensa: são denominadas como *Guemará*. Uma *Guemará* foi criada pelos sábios da terra de Israel e outra na Babilônia. Assim aparecem dois conjuntos: a *Mishná* acoplada a *Guemará* de Israel se torna o Talmude de Jerusalém; a *Mishná* acoplada a *Guemará* da Babilônia se torna o Talmude Babilônico ou *Talmud Bavli*. E não cessa a exegese e uma ampla normatização de todos os momentos da vida judaica. Este é o judaísmo ‘normativo’: múltiplas regras e preceitos.

5 O controle do tempo e do cotidiano

Há uma ocupação no tempo e no espaço de múltiplas regras de vida. Os preceitos ocupam e delimitam seja o tempo seja o espaço. As rezas fazem também sua parte nesta ordenação da vida do judeu tardo antigo e medieval. Vejamos as orações diárias: são usualmente três orações por dia. Num dia comum da semana começa com a oração matinal (*shacharit*), mais longa das três e que se estende entre uma hora e duas horas.¹⁰

À tarde, pode se proferir a oração vespertina, logo após o meio dia, ou antes, do final da tarde. Algumas comunidades usavam fazê-la no final da tarde, fazendo um breve intervalo, que a separa da oração noturna. Assim podem se deslocar para a sinagoga, apenas duas vezes por dia. De manhã e ao final do dia, realizando na transição do dia para a noite, as duas orações: a vespertina (*minchá*) e noturna (*maariv*). São mais curtas que a reza da manhã, perfazendo juntas um pouco menos de uma hora.¹¹ Há orações ao se deitar, e ao se levantar,

¹⁰ FRIDLIN, 1997, p. 16-122.

¹¹ FRIDLIN, 1997, p. 153-180; p. 182-215.



quando sair para uma viagem, ou começar a comer (variando de acordo a cada tipo de alimento), bênçãos após comer, e múltiplas orações imbricadas em rituais do cotidiano.

No mundo religioso judaico, o sagrado se insere no profano e pressiona o cotidiano, sacralizando gestos e tempos de tal maneira que o judeu sempre se lembre que é judeu e deve agir de maneira reta, piedosa e justa. O capítulo dezenove do livro do Levítico se configura como uma regra geral: se Deus é “santo”, o povo de Deus deve ser “santo”. Ainda que essa representação não espelhe a realidade, e o povo judeu não tenha sido um povo de santos, através da história, essa autoimagem servirá para controlar os judeus, no cotidiano através da história. Estar imbuído da sacralidade do povo faz com que os judeus se vejam no bojo dessa representação. Em todos os tempos e espaços.

6 Símbolos, preceitos e controle social

Há no cotidiano uma ampla gama de orações e pequenos rituais que permeiam o dia a dia, nos dias comuns. Na oração da manhã se faz uso de dois objetos rituais: o xale de orações (*talit*) e os filactérios (*tefilin*). Ambos são usados nas orações matinais, e o xale aparece também no *shabat* e nos dias de festa. Já os filactérios são utilizados apenas nas orações matinais de dias comuns, mas nunca no *shabat* ou festas.

O xale de orações é retangular e tem nas suas quatro bordas presos e amarrados de uma maneira tradicional um emaranhado de quatro fios que se duplicam em oito e se prendem em cinco nós, totalizando a conta de treze (oito fios e cinco nós). O nome deste conjunto de fios e nós em hebraico é *tzitzit* ou franjas. As letras em hebraico podem ser utilizadas como valor numérico na ordem alfabética. A letra *taf* (equivale ao t) que aparece no final da palavra *tzitzit* vale quatrocentos. A letra *tzadik* que aparece duas vezes vale noventa; já a letra *iud* que também aparece duas vezes, vale dez.

A soma de quatrocentos + noventa + dez + noventa + dez = é seiscentos. Quando se agrega oito fios + cinco nós, chega-se ao total de 613. São os seiscentos e treze preceitos ou *mitzvot*, que falamos acima. O xale ritual com suas franjas/*tzitzit* é uma recordação da necessidade de executar cotidianamente a prática dos preceitos/*mitzvot*. Seu uso nas orações matinais é normativo e há uma versão dele, conhecida como *talit katan* (pequeno *talit*) que é uma espécie de camiseta, usada por baixo da camisa e que têm nas suas bordas, as quatro franjas (*tzitzit*). Os judeus ortodoxos fazem uso deste em nossos dias, mas até a contemporaneidade os homens judeus, utilizavam-no. Recordar os preceitos.

O uso do *talit* (e, portanto do *tzitzit*) é prescrito no texto da lei e repetido, logo após a profissão de fé (Escuta Israel/Shemá Israel) seja na oração matinal, seja



na oração noturna.¹² Isso em todos os dias comuns da semana, no *Shabat* e nos dias de festa. O trecho foi retirado do capítulo quinze do livro de Números e a expressão “franjas” se refere ao *tzitzit*:

E falou o Eterno a Moisés dizendo: fala aos filhos de Israel e dize-lhes que façam *franjas* nos cantos dos seus vestuários, por suas gerações, e nas *franjas* dos cantos porão um cordão azul celeste. Ser-vos-á por *franjas* e as vereis, e vos recordareis de todas as prescrições do Eterno, e as fareis, e não seguireis após as inclinações dos vossos corações e dos deleites dos vossos olhos, após os quais vós andais pecando.¹³

Assim o cotidiano judaico se coloca sob o controle dos preceitos, não apenas nos gestos e no ritual, mas também nas vestimentas. Ao colocar o *talit* (xale) e o *tefilin* (filactérios) de manhã, e colocar o *talit katan* (a camiseta com *tzitzit*) sob as vestes, mas com as franjas aparecendo, está implicitamente se falando do controle e da sacralização do tempo e do espaço no cotidiano. Os preceitos são vestidos e portados sobre o corpo e simbolicamente “vestem a alma”.

7 Temáticas da oração

O livro de orações não está dividido em temáticas. Há rezas de acordo aos momentos do dia: manhã (*shacharit*), tarde (*minchá*) e noite (*maariv*). Há rezas de dias comuns, de *Shabat* e de festas. Há rezas do ciclo da vida: nascimento, maioridade religiosa, casamento e morte. Há rezas individuais e coletivas, para momentos da rotina do cotidiano, ou para momentos claramente sacros. A divisão em temas é de nossa reflexão e seleção e não aparece no *Sidur*.

A grande maioria das rezas é para exaltar a grandeza, o poder, a bondade e a piedade divina. Não nos estenderemos nesta ampla e diversa exaltação do poder e das características magníficas de Deus. Nosso recorte é dedicado aos temas que nos ajudem na reflexão sobre as representações que fortalecem a identidade coletiva.

Fazendo uma divisão tradicional e usual diríamos que as dezenove bênçãos (denominadas *shemone esre* = 18) estão ordenadas em três blocos: o primeiro composto pelas três bênçãos que exaltam o poder divino e o reverenciam, as treze do meio emanam pedidos diversos e as três finais seriam

¹² FRIDLIN, 1997, p. 62 (matinal) e p. 186 (noturna).

¹³ FRIDLIN, 1997, p. 62, p. 186.



agradecimentos.¹⁴ Essa divisão não serve para nossa reflexão, portanto não faremos uso da mesma. Usaremos tematizar as orações.

8 Pacto ou eleição

Um dos eixos do texto bíblico que sustentam a identidade coletiva é que Deus escolheu uma família patriarcal, realizou um pacto ou concerto, pelo qual desta família se criaria um povo, eleito por Deus o qual teria uma missão sagrada de fazer conhecer ao mundo a revelação deste mesmo Deus e o fato que este seria universal e criador do mundo e de tudo que neste existe.

Nas orações, o pacto é amplamente descrito e enfatizado. Entre muitos exemplos, está a primeira benção da grande oração (*amida* ou *shmone esre*). Repetida três vezes ao dia, em todos os dias do ano: “Bendito sejas Tu, Eterno, nosso Deus e Deus de nossos pais, Deus de Abraão, Deus de Isaac, Deus de Jacob”.¹⁵

O tema aparece seguidas vezes e de formas diversas. Delineia a fé em Deus, mas, além disso, o conceito histórico do pacto. Trata-se de um povo que dá continuidade a um pacto selado pelos patriarcas, refeito e ampliado por Moisés, reconfigurado pela dinastia davídica e que dá um sentido teleológico à continuidade do povo de Deus.

A eleição e o pacto serão motivo de amplos conflitos e polêmicas religiosas com cristãos e muçulmanos desde o final do mundo antigo e, especialmente, medieval. Sua repetição nas orações demarca a identidade coletiva com força.

9 Sentido da história e redenção

O segundo tema é muito ligado ao primeiro, mas deve ser visto em separado. A razão de ser da literatura bíblica e da religião judaica é que Deus tem para o povo eleito uma missão sagrada: propagar a existência do criador e de sua revelação. O sentido e a razão de ser da religião é teleológico: o mundo foi criado por Deus, para que atinja um grau de pureza e sacralidade que permita a consecução do projeto divino.

O povo de Israel disperso pelo mundo está numa missão sagrada de propagar a verdade da fé e ensinar aos povos, como se direcionar para a redenção. Sua missão se concluirá com a vinda do Messias e o retorno dos judeus a Israel e a Jerusalém que será reconstruída. O primeiro momento é o retorno e a reconstrução da cidade sagrada e de seu templo.

¹⁴ KIMELMAN, 1988/1989, p. 167.

¹⁵ FRIDLIN, 1997, p. 65.



A escatologia prevê um mundo sob regras divinas plenas e detalhadas, sem violência, sem opressão e sob uma justiça plena. Esse tema é descrito com precisão e minúcias nos profetas, em especial Isaías e Miquéias.

A benção de número dez da *Amidá* trata do retorno do povo a Israel e da redenção de maneira alegórica:

Faze soar o grande *shofar* para nossa liberdade e ergue o estandarte para juntar os nossos dispersados, e reúne-nos logo, a todos, dos quatro cantos do mundo para a nossa terra. Bendito sejas Tu, Eterno, que reúnes os dispersos de teu povo Israel.¹⁶

As bênçãos de número quatorze e quinze explicitam a volta de Deus à cidade sagrada e a vinda do Messias que trará a salvação/redenção (*ieshuá*). Uma mescla das duas para aclarar esta análise. A quatorze enfatiza a reconstrução da cidade e ao mesmo tempo a presença da casa de David, ou seja, o Messias:

E a Jerusalém, Tua cidade, retorna com misericórdia e pousa nela a Tua glória, como disseste. Reconstrói-a prontamente em nossos dias, em construção eterna, e o trono de David, Teu servo, restabelece depressa nela. Bendito sejas Tu, Eterno, que reconstróis Jerusalém.¹⁷

Em seguida, reforça a temática da casa de David e do tempo messiânico de redenção. Essa ênfase e evidente repetição não são casuais, pois quer dar acento e firmeza na afirmação de que se aproxima a redenção. A décima quinta benção diz: “Faze brotar depressa o rebento de David, Teu Servo, e exalta o seu poder pela Tua salvação; porque é pela Tua salvação que ansiamos todos os dias. Bendito sejas Tu, ó Eterno, que fazes brotar o poder da salvação”.¹⁸

A repetição da expressão salvação (*ieshuá*), por três vezes em três linhas, pretende deixar explícita a aproximação da redenção/salvação. Não se trata apenas da redenção da humanidade, mas de maneira mais urgente e premente, da minoria que sofre opressão e discriminação no meio de outros povos /religiões. Ainda entre as bênçãos da *Amidá*, aparecem referências ao templo destruído no ano 70 e a restauração próxima e futura dos serviços e sacrifícios na benção dezessete com o retorno da Divina Presença (*Shechiná*) a Sião (Jerusalém).

¹⁶ FRIDLIN, 1997, p. 69.

¹⁷ FRIDLIN, 1997, p. 71.

¹⁸ FRIDLIN, 1997, p. 71



De maneira geral, repete a ansiedade pela redenção/salvação de maneira explícita e direta na sétima bênção: “Vê, rogamos a nossa aflição, e toma a nossa defesa; redime-nos depressa com uma perfeita redenção. Por amor a Teu nome, por que Tu és um Deus libertador e poderoso. Bendito sejas Tu, Eterno, Redentor de Israel”.¹⁹

Como tentamos demonstrar, há uma intensa conexão entre a oração e o anseio de um grupo minoritário, oprimido e discriminado em chegar à redenção. Torna-se, assim, um eixo identitário repetido por duas a três vezes por dia, por quase todos os dias do ano.

10 Múltiplos pedidos

Nas demais bênções da *Amidá* percebemos uma variedade de pedidos da comunidade: alguns inseridos no cotidiano da pessoa e outros mais místicos e complexos. Pedidos pela saúde das pessoas da família e/ou da comunidade na oitava bênção; pedidos pelo sustento, pela colheita, pela chuva ou pelo orvalho na nona bênção; pedido pela paz, bem estar, misericórdia e justiça humana e divina na última bênção.²⁰

Há algumas típicas orações de um povo agrícola que depende de chuvas, colheitas e relaciona-se de maneira mágica com uma divindade que pode ter sido, uma entidade animista, e de outro lado apresenta orações em que o misticismo transcende e mostra uma relação mais espiritual.²¹ O conjunto refulge de múltiplas origens e variadas afirmações e pedidos sobre e para a divindade.

Não falta uma bênção que é uma afirmação do poder divino, de fé e amplamente escatológica. Embasada no capítulo trinta e sete do livro de Ezequiel fala da ressurreição dos mortos no final dos tempos. Trata-se da segunda bênção, que não se altera durante quase todo o ano. Pode ser inserida entre as que falam da redenção final, mas extrapola e amplia muito o conteúdo.

11 A proteção divina: no passado, no presente e no futuro

Este tópico está intimamente ligado ao segundo item. As menções dos patriarcas e do pacto, de profetas e dos justos que preenchem as narrativas bíblicas, e talmúdicas aparecem nas entrelinhas das orações, tanto na *Amidá*, quanto nas demais orações. A proteção divina é um fato aceito e consentido no judaísmo. Se no passado Deus puniu o povo por seus desvios e transgressões, está firmemente ao seu lado na história.

¹⁹ FRIDLIN, 1997, p. 68.

²⁰ FRIDLIN, 1997, p. 65-76

²¹ ABRAHAMS, 1908, p. 273.



O pacto demanda fidelidade bilateral, atitude correta do povo e gera como contrapartida a proteção divina. O Deus dos patriarcas, o deus da casa de David é fiel e não abandona seu povo.

12 Controle e regramento da lei

Este tópico se acopla lado a lado com a proteção divina aludida antes. O pacto gera uma responsabilidade e um compromisso muito solene e grave. Seguir os mandamentos e respeitar as ordenações divinas. Por duas vezes Deus permitiu que Jerusalém fosse tomada e destruída, e o templo sagrado fosse arrasado. Por que Deus permitiu que sua casa fosse queimada e posta abaixo?

Trata-se de uma lição histórica: o pacto não é uma garantia unilateral, sem exigências e sem obrigações. As duas destruições do santuário se deveram a desobediência do povo à lei e seu afastamento de Deus e de seus preceitos (*mitzvot*). As advertências de Deus, através de seus emissários, os profetas, foram um alerta, um aviso de que a destruição e o exílio viriam.

As comunidades judaicas dispersas pelo mundo, minoritárias e pressionadas pelo meio circundante estavam sendo testadas. As tentações e a perda da identidade eram uma espécie de teste de resistência para os judeus diaspóricos. Serviam para avaliá-los e ver se estavam já em condições de ser agraciados com a escatologia, com a benção do final dos tempos, a vinda do Messias redentor.

Deus oferece aos judeus a sua luz, a sua graça, mas demanda nas orações a sua fidelidade e sua dedicação. Na benção de número quatro, fala-se dessa luz: “Tu dotas o homem com sabedoria e instruis aos mortais com a compreensão: concede-nos o Teu dom da inteligência, da compreensão, e da sabedoria”.

Mas humildemente o fiel pede na quinta benção que Deus; “Reconduze-nos á Tua lei, ó nosso Pai, retoma-nos a Teu serviço, ó nosso Rei, e faça com que regressemos com sincero arrependimento para ti”. O fiel, aqui, pede o controle de Deus em relação a suas atitudes. Mas não falta o reconhecimento das fraquezas e o pedido de misericórdia divina. Diz a sexta benção, humildemente: “Perdoa-nos, ó nosso Pai, pois pecamos, perdoa-nos ó nosso Pai, pois transgredimos, por que Tu és um Deus bom e clemente”.²²

Evidencia-se, desse modo, que o fiel seja fraco e potencialmente fadado a errar, e Deus pode e deve salvá-lo iluminando-o com a lei e os preceitos. O pedido de controle repetido cotidianamente ao criador, flui e reflui ao fiel, lhe gerando um senso de responsabilidade e uma aderência as práticas e a execução das normas.

²² FRIDLIN, 1997, p. 66-67.



Neste quinto tópico se delinea o controle e o regramento: Deus ilumina os fiéis, estes rogam que Deus os controle, manifestam sua fraqueza e rogam que Deus manifeste as normas e o controle. Fecha-se o círculo.

13 A oração e o judaísmo normativo – o controle do cotidiano: breves reflexões

A religião possui múltiplas razões de existir. Trata-se de uma maneira de entender a origem do mundo, a vida e a morte. Os dilemas existenciais do ser humano. Pode ser refinada e espiritual. Mas pode servir para fins outros: um deles seria o controle social.

O judaísmo normativo com seus múltiplos preceitos e regras se unem com o cotidiano do ritual e controla a realidade, cerca os vãos da cerca e protege o rebanho. A resposta ao enigma proposto, retiramos de dentro do próprio judaísmo.

No Talmude, no tratado *Avot*, mais conhecido como “Ética dos Pais” essa questão é configurada. Os sábios ordenam erigir uma cerca em torno da *Torá* e dos judeus. Essa cerca não é material, mas espiritual. Um mecanismo de “ação e reação” nos quais os judeus, se sentindo ameaçados e pressionados se unem e acentuam sua coesão.²³

Na tradição judaica, essa atitude de auto defesa está inserida num cântico religioso que é entoado na ceia pascal e está escrito no texto da *Hagadá de Pessach*.²⁴ O texto se fundamenta no livro do Êxodo (1, 12) que descreve os escravos hebreus no Egito sendo oprimidos e maltratados e se reproduzindo cada vez mais numa reação de resistência. A pressão do mundo externo hostil e majoritário gera nos judeus e no judaísmo mecanismos de defesa, de ajuda mútua e de identidade.

Um destes mecanismos de resistência ordenado e explicado em detalhes pelo Talmude pode ser visto sob a forma de círculos (ou ciclos) concêntricos. Uma estrutura que cerca o dia a dia e ajusta o micro com o macro, os detalhes com o todo numa coerente lógica e num entendimento do mundo, da História e da vida humana.

Assim no nosso entendimento a sobrevivência do judaísmo é dialética que tem por base o judaísmo normativo que cerca os judeus e o judaísmo com o controle do cotidiano e dá um significado à história. Essa teleologia dá sentido a resistência e a continuidade.

²³ *Ética dos Pais*, 1962, p. 9 (1:1). “levantai barreiras em torno da Lei Divina”.

²⁴ A *Hagadá* é o texto tradicional da páscoa judaica (Pessach) recitada durante a ceia pascal pelos judeus celebrando a libertação da escravidão no Egito.



Em contraponto a capacidade de adaptação e de evolução do judaísmo, dimensiona e areja os arcaísmos e permite aos judeus se adequar as mudanças, responder as demandas internas e externas que o questionam. Ser conservador e ao mesmo tempo saber se adequar aos desafios: a lei oral como resposta a perda do templo; a confrontação com a filosofia medieval neo-aristotélica; o judaísmo liberal e reformista nos últimos séculos.

Referências

ABRAHAMS, I. Some rabbinic ideas on prayer. *The Jewish Quarterly Review*, v. 20, n. 2, p. 272-293, Jan. 1908.

A ÉTICA dos pais (Pirquei Avot). Rio de Janeiro: Biblos, 1962.

FELDMAN, Sergio Alberto. A resistência cultural judaica sob o Império Romano (final do século I ao IV) In: SILVA, Gilvan Ventura, *Conflito cultural e intolerância religiosa no Império Romano*. Vitória: GM Gráfica e Editora, 2008. v. 9. p. 19-45.

FELDMAN, Sergio Alberto. Da santificação do Nome divino ao libelo de sangue: interações entre judeus e cristãos no período das cruzadas. *Graphos*, João Pessoa, v. 15, n. 1, p. 1-19, 2013.

FELDMAN, Sergio Alberto. *As obras de Isidoro de Sevilha e a questão judaica: perspectivas da unidade político-religiosa no reino hispano visigodo de Toledo*. Curitiba: Prismas, 2017.

FRIDLIN, Jairo. *Sidur completo: com tradução e transliteração*. São Paulo: Sefer, 1997.

KIMELMAN, Reuven. The daily amidah and the rhetoric of redemption. *The Jewish Quarterly Review*, v. 79, n. 2-3, p. 165-197, Oct. 1988-Jan. 1989.

Recebido em: 11/06/2018.

Aprovado em: 11/08/2018.